

LUIZ EDUARDO SOARES

# Rio de Janeiro

*Histórias de vida e morte*



# Sumário

Introdução — Rio de Janeiro: A grande guerra contra o clichê, 9

1. Tiros na madrugada, 16
2. Linha Vermelha, 41
3. Você está proibido de morrer, 65
4. Mangueira, quinze anos depois, 104
5. “Don’t be lazy”, 127
6. A mulher incomum, 155
7. É tanta coisa que nem cabe aqui, 186
8. Festas cariocas, 216
9. Pedra da Gávea, 230

*Agradecimentos*, 251

## Introdução

# Rio de Janeiro: A grande guerra contra o clichê

Rio de Janeiro é um clichê global poderoso que está em xeque. A cidade rebelou-se contra seu retrato. O Dorian Gray urbano precisa da degradação de sua imagem-fetice para libertar-se do feitiço e viver, assumindo os riscos e as novas possibilidades. Cumpre destruir a imagem encantada e deixar morrer o que sobreviveu às custas da fantasia benevolente. Esta é a exigência dos milhões de cariocas que se revoltam contra a domesticação imposta pela história edulcorada que contamos a nós mesmos sobre o que somos. Esta é a agenda de quem ama a liberdade e a justiça, nas suas mais variadas acepções. O tempo da autoindulgência acabou. O Rio atravessa um momento doloroso e fecundo de perigo e reinvenção. A estação de fúria e tempestades não anula o mar, o sol, o esplendor da Mata Atlântica e a dança infinita, mas estilhaça ilusões e incinera a pachorra pusilânime dos cartões-postais.

Uma cidade troca a pele como a serpente. Mudam as cores, os tons, a sensibilidade, as relações que lhe dão corpo e energia. Escrever sobre o Rio de Janeiro, hoje, requer afinidade com a pul-

sação acelerada de um processo de mudança que rasga a pele sem norte político claro, sem projeto coletivo compartilhado, sem lideranças e protagonistas reconhecidos, sem que a pele alternativa tenha sido gestada pela evolução orgânica. O risco mais imediato é a exposição excessiva sem mediações. O corpo fica vulnerável. As mediações institucionais tornam-se mais importantes do que nunca, mas teriam de se adaptar às novas circunstâncias, posto que, tal como hoje atuam e dão-se a perceber, são parte do problema.

O Rio de Janeiro clichê é a cidade da festa, do samba, da sensualidade hedonista, do Carnaval e do futebol, das praias e da natureza prodigiosa, da fraternidade acolhedora, do malandro virtuoso, do improvisado criativo, da alegria e da espontaneidade. Enfim, a cidade maravilhosa, cantada em prosa e verso e vendida nos pacotes turísticos mundo afora. Seria um equívoco negar a presença de várias dessas qualidades. Entretanto, nem de longe elas suplantam outros aspectos francamente negativos da experiência urbana carioca. O que parece interessante na conjuntura do Rio de Janeiro é a repulsa não apenas a essas situações objetivas que afetam milhões de pessoas, mas também ao clichê que congelou uma imagem idealizada. A rebelião contra o clichê tem mobilizado sobretudo os jovens, embora sensibilize segmentos bem mais amplos da população. Perceberam que a imagem não é só um erro. É um mapa que orienta comportamentos e percepções cotidianos. Não é apenas um retrato falso, mas um modelo restritivo que aprisiona, em uma identidade, a pluralidade de modos de ser e sentir.

Se a velha ordem desfaz-se, grão a grão, se o clichê está em chamas, qual ponto de vista adotar para testemunhar esse processo? A primeira pessoa impõe-se como a perspectiva mais razoável e honesta. Sobretudo quando o mundo que balança e vai cedendo lugar a outro repercute tanto em dimensões subjetivas

e na vida privada quanto em níveis substantivos e na esfera pública. É interessante registrar que, nesse trânsito entre mundos, sutileza e estrondo substituem-se a todo momento e, por vezes, confundem-se, a depender da sensibilidade do observador. Até porque os mundos distintos, ou antagônicos, conviverão. Pureza é a qualidade da teoria, não da história, muito menos das histórias contadas de pontos de vista particulares.

Por isso, este livro permite-se começar e concluir com a radicalização do ponto de vista adotado, a primeira pessoa. O capítulo inicial descreve minha travessia pelo poder, dos bastidores aos porões. Relato o choque acidental, no Rio de Janeiro, com os futuros donos do poder nacional, nos primórdios do primeiro escândalo de corrupção dos governos petistas, o Mensalão, e os desdobramentos inesperados de uma trama quase inverossímil.

O segundo capítulo conta uma visita ao outro lado do poder, ou ao poder da margem, e revela como é difícil erguer pontes quando as instituições são cúmplices de iniquidades.

O terceiro capítulo abdica da primeira pessoa e rasura as subjetividades, deixando à mostra atos e falas em sua crueza objetiva, por vezes assustadora. Atualmente, escândalos de corrupção no Brasil, não só no Rio, referem-se a cifras bilionárias, tornando as quantias mencionadas neste capítulo quase pueris e irrelevantes. Todavia, relevantes são as condições que tornam possível o casamento perverso entre o crime e a política, inclusive aquela que se faz em nome dos interesses populares. Tudo começa na província. O relato é um flash da barbárie, mas também o flagrante da decência e da coragem, no exercício da profissão e na política. Um retrato da história em andamento, em múltiplas vozes e contradições. A narrativa foi montada com base em entrevistas, observações diretas e depoimentos, reunidos ao longo dos últimos vinte anos. Cada episódio retrata situações reais, alusivas a personagens existentes, embora a sequência não seja exa-

ta, as conexões tenham sido redesenhadas, os nomes, trocados, e nem sempre as falas correspondam aos discursos efetivamente pronunciados, ainda que a intenção tenha sido captar o essencial de seu conteúdo e das formas de expressão dos protagonistas. Este foi o meio encontrado para produzir uma narrativa tão fiel quanto possível às circunstâncias nas quais crime e política se encontram, no Rio de Janeiro, incluindo a região metropolitana, da qual a capital é indissociável.

O quarto capítulo testemunha uma situação dramática e extrema, em que Estado e sociedade, representantes governamentais e a comunidade da mais icônica das favelas cariocas, a Mangueira, defrontam-se e dialogam, a partir do reconhecimento da verdade, tomada como base para uma reconciliação democrática. O caso mostra que a mudança é possível, ainda que tenham sido efêmeras aquelas conquistas.

O quinto capítulo, em terceira pessoa, conta a história de um brilhante e ousado estudante carioca de economia, que, nos anos 1970, enriqueceu da noite para o dia, no embalo das ondas, que lhe apetecia surfar, e do mercado de capitais, do qual tornou-se operador destemido. Abatido por uma desilusão amorosa, abandonou o porto seguro e lançou-se ao mar, literalmente. Velejou durante oito anos, cruzando os oceanos. Mergulhou na cultura hedonista e contemplativa da maconha e do haxixe, até que a Era de Aquarius virou pó. Retornou ao Rio, tentou terno e gravata, mas naufragou na depressão e no vício. Convidado por um velho amigo sul-africano a resolver de uma vez a vida, curou-se da dependência, comendo o pão que o diabo amassou, e partiu ao encaço da fortuna. Trocou suas habilidades náuticas e financeiras pela perspectiva de ganhar muito dinheiro, negociando com europeus e colombianos. Atravessou o Atlântico em sua derradeira aventura e acabou sendo detido, em Londres, e condenado a 24 anos de prisão por associação ao tráfico de duas toneladas